

INVENTÁRIO E ANÁLISE LEXICAL SOBRE O TRABALHO NO VERNÁCULO GOIANO

MARIA HELENA DE PAULA*

RESUMO

Este artigo pretende apresentar o inventário e a análise do léxico do trabalho no vernáculo goiano, no labor de homens e mulheres de lida rural no século XX. Os modelos teóricos usados para esse estudo são o *Begriffssystem*, de Hallig e Wartburg (1963), e os campos lexicais de Coseriu (1977), aplicados a um *corpus* oral e sob a perspectiva da relação incontestante entre léxico e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico, trabalho, cultura, Goiás.

PROPOSIÇÃO

Propõe-se, neste estudo, apresentar itens lexicais relativos ao trabalho, inventariados de um *corpus* oral, com o objetivo de relacionar as nuances lexicais e as práticas culturais que sustentam os signos em análise. Narrativas orais de homens e mulheres com idade superior a sessenta anos são o material linguístico para o levantamento de signos que denotem práticas, ferramentas e instrumentos de trabalho em idos dos anos 20 do século passado, quando não se contava com tecnologia e máquinas nas roças goianas, até hoje.

A partir do modelo de Hallig e Wartburg (1963) e do que preconiza Coseriu (1977), signos associados a conceitos do homem como ser social, no ambiente de trabalho, situado em roças do interior goiano, especialmente em Catalão, foram inventariados e serão analisados sob a perspectiva de que o léxico é o nível linguístico que mais estreitamente se relaciona com a cultura.

Desta feita, analisam-se signos que constituem ferramentas e instrumentos para o trabalho rural, em roças do sudeste goiano, a partir

* Professora da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão, atuando no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Estudos da Linguagem.
E-mail: mhpcat@gmail.com

dos anos 20 do século passado até a década de 1990, quando houve a inserção de máquinas no modelo de trabalho e uso da terra.

1 PALAVRAS INICIAIS SOBRE O *CORPUS*

O *corpus* desse estudo compreende trechos de narrativas orais, de homens e mulheres com idade superior a sessenta anos, publicados por Paula (2007). O modo como tais narrativas foram gravadas e transcritas, em função da inexistência de normas para edição de textos orais do português popular do Brasil,² obedeceu a uma metodologia estabelecida especificamente para o estudo.

Gravadas nas casas dos sujeitos-narradores, após prévia aceitação e contato, as narrativas tematizam histórias pessoais e são perpassadas por memórias diversas da vida nas roças catalanas. Transcritas e editadas em fragmentos, alguns de seus excertos compõem o material desta análise.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LÉXICO

Para abordar o que será aqui considerado léxico e o tratamento que será dado a ele, no recorte linguístico material desse estudo, carece ressaltar o que se entende por léxico. As questões que Biderman (2001, p. 97-213) suscita ao discutir *Os fundamentos da Lexicologia*³ podem se resumir ao quão difícil é descrever o léxico de uma língua, em função de seus critérios teóricos, suas possíveis unidades de estudo, suas abordagens metodológicas. Relevam-se, assim, questões como: qual unidade priorizar em uma abordagem lexicológica: os lexemas, as lexias ou as expressões idiomáticas? Que uso da língua servirá ao estudo: o vernáculo, o padrão, as variantes regionais, o registro escrito (qual tipo de texto e de época), o registro oral, o uso registrado nas obras lexicográficas?

Qualquer que seja a opção a tais questões, em um estudo lexical de uma língua, parece resultar incompleta diante do complexo que é o seu léxico. A prática científica, porém, exige que se façam escolhas teóricas e metodológicas que, nesse particular, já se efetivam incapazes de abarcar a diversidade cultural que representa o léxico de um

determinado recorte linguístico em estudo. Desta feita, não é demais ressaltar que as escolhas teóricas e metodológicas são necessárias e deverão cumprir os objetivos a que se propuser o estudo.

Nessa perspectiva, o presente estudo ampara-se na compreensão de que o léxico é o campo da vastidão conceitual da língua porquanto dá a configuração linguística aos saberes acumulados dos que usam o sistema linguístico; representa, por isso, a vasta experiência acumulada por uma sociedade ao longo dos tempos, que o usa e o reelabora continuamente (BIDERMAN, 2001).

Para continuamente perpetuar-se e reelaborar-se no sistema, o léxico se estrutura na gramática da língua, o que quer dizer que, para abarcar as experiências culturais que se servem do inventário lexical de uma dada língua, há regras próprias de criação, redução ou alteração. É assim que léxico e gramática estruturam uma língua em sistema formal disponível ao uso nas práticas intercomunicativas.

Como variado é o uso e muitos são os falantes da língua é de supor-se quão variados são os contornos lexicais dados às experiências culturais, diversas pela sua natureza histórica. Assim, o inventário e a análise que ora apresentamos é um recorte dos usos particulares relativos ao trabalho que se manifestam em cada narrativa e, especificando mais, em pequenos excertos de cada uma das que compõem o *corpus*. É por essa razão que se optou por inventariar as lexias ou, nos dizeres de Hallig e Wartburg (1963), os signos léxicos que comportassem o universo conceptual dos narradores, relativamente ao trabalho em suas ferramentas e instrumentos.

No sistema inventariado dos conceitos nas narrativas, registraram-se as lexias, unidades léxicas em pleno uso e funcionamento na língua, com o propósito de apresentar os conceitos com que os narradores recortam o seu mundo. Os narradores, os “sujeitos-agentes” que perpetuam e reelaboram o léxico do uso linguístico com que recortam suas experiências, dão-lhe matizes peculiares porque particulares são os seus usos do vernáculo⁴ português no sudeste goiano, porém, não exclusivo e único. São, sobretudo, falantes de português, situados na história e na geografia brasileira, inseridos na dinâmica sociocultural de Goiás. Assim, facilmente muitos destes signos poderão recorrer também em outras variantes do português, malgrado a configuração

cultural que os ampara, uma vez que comporiam o fundo léxico do dialeto caipira, como evidenciado no estudo do *Vocabulário* caipira que fez Amaral (1976).

Ao tratar da lexicologia do dialeto caipira em obra pioneira e cuja ideologia expressa o momento em que foi escrita, Amaral (1976) toma o seu vocabulário como “bastante restrito, de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e portanto com as exíguas necessidades de expressão dos que o falam” (AMARAL, 1976, p. 55). O que o autor quer dizer é que o vocabulário, o uso concreto que se faz dos recursos léxicos das possibilidades conceituais da língua, denota o *modus vivendi* dos que o usam.

No estudo que se apresenta, os narradores são tratados como roceiros, ou na acepção trazida por Amaral, como caipiras, porque vivem ou viveram nas roças e delas tiram ou tiraram os meios de sua subsistência e porque, linguisticamente, as suas experiências como roceiros perpassam o seu inventário lexical: os saberes, as memórias, os bens materiais e imateriais estão matizados pelo que experienciaram como moradores e sobreviventes das (e nas) roças. Porém, não se concebe aqui como restrito ou simples o uso lexical que empreenderam nas narrativas. Entendê-lo nesta ótica seria tomar suas experiências como demonstração da “simplicidade de vida e de espírito”. Sua vida e seu espírito não são ou foram simples ou exíguos; são a demonstração da complexidade de suas ações em épocas “sem recursos”, dos arranjos entre si graças aos quais mantiveram vivos e se perpetuaram como cultura e memória.

O seu uso lexical se dá no seio de suas experiências e, por isso, não poderia expressar outras formas de “experiência acumulada”. Assim, não apresentam qualquer signo referente a peças ou mecânica de automóveis porque não conviveram com eles como demonstram as narrativas, mas sabem nomes de juntas de bois, peças dos carros-de-boi, funções e exigências na lida com esse meio de transporte e trabalho quase exclusivo na época, a saber, da primeira década até aproximadamente a década de 1980 do século passado.

Particularmente aos signos constituídos para análise nesse texto, o inventário lexical dos caipiras ou roceiros que narram memórias, os recortes da História, não é restrito ou simples, assim como não é

exagerado ou complexo: representa, tão somente, “todo o universo conceptual”, “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” que trazem consigo, conforme diz Biderman (2001, p. 179). Reitera-se, por isso, a intenção de abordar apenas alguns signos atinentes a ferramentas e instrumentos de trabalho ao tratar da cultura impressa nos velhos falares dos narradores.

Nota-se que até aqui, foram retomadas ligeiramente teorias para compreender como se relacionam a cultura e o uso linguístico dos homens e das mulheres narradores, por entender que é tarefa fadada ao insucesso dissociá-las em um estudo sobre léxico e cultura em um uso vernacular. Sabe-se, também, que é uma tarefa intérmina dar conta, neste breve texto, de todos os contornos lexicais dos signos inventariados sobre ferramentas e instrumentos de trabalho, motivo por que serão tratados apenas alguns entre os tantos.

3 O SISTEMA RACIONAL DE CONCEITOS (SRC), DE HALLIG E WARTBURG (1963), E A TEORIA DOS CAMPOS LÉXICOS, DE COSERIU (1977): BREVES CONSIDERAÇÕES

A segunda edição do *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie*, de Rudolf Hallig e Walter Von Wartburg (1963), corrige a edição de 1952 e a ela acrescenta considerações em resposta às críticas diversas que receberam os autores ao Sistema Racional de Conceitos (SRC). Para as análises empreendidas neste artigo, fundamentou-se na segunda edição desta obra, que propõe servir de base à lexicografia.

Os autores defendem que se abandone a ordem alfabética em proveito de uma classificação com base nas ideias expressas pelas palavras. Nesse sentido, uma organização lexicográfica de uma língua, segundo os autores, seria mais pertinente se fundada no seu caráter onomasiológico. Os signos se organizam em uma língua pela relação conceitual que estabelecem entre si e servem à comunicação e expressão do mundo exterior e do mundo criado pelas relações do homem, como ser social e espiritual, graças à linguagem.

Sob essa perspectiva, uma organização lexicográfica fundada na ordem alfabética não considera esse princípio básico de uma língua

e, por isso, não permitiria a visão de mundo expressa pela língua, tampouco o sistema da língua que descreve. Desse modo, justificarse-ia o sistema racional de conceitos. A possibilidade de realizar uma classificação do léxico de uma língua a partir dos conceitos, para os autores, reflete as tentativas das línguas como entendimento do mundo.

Os autores dizem que “o ‘mundo’ (no sentido amplo) não é um caos, mas qualquer coisa de ordenado, e que o homem pode – isto é verdade – realizar esta ordem”⁵ (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 32). Assim, há uma ordem no mundo e as línguas expressam o modo como se apreende o universo que rodeia as pessoas e as relações que entretecem nele; é possível, então, estabelecer como o léxico que o representa se organiza, sem que o fundamento conceitual se configure caótico. Tal perspectiva toma as palavras como “signos de conceitos” (p. 32).

A classificação dos conceitos solicita uma maneira pré-científica e empírica de ver, organizar o mundo e se relacionar com ele. O que os autores chamam de homem natural está fundado nesse princípio e no que chamam de “maneira estritamente lógica” (p. 36) de se proceder ao sistema de conceitos. Inicialmente, é importante entender que a noção de sistema adotada pelos autores do SRC concebe que, embora tripartido e subdividido ainda mais, o conjunto organizado não significa isolamento dos conceitos apreendidos no estudo da língua. É, sim, a demonstração de que um conceito advém do outro e se relaciona imediatamente com ele e com o que dele derivar.

Sob a defesa de que não classificam as palavras, mas os signos lexicais que representam os conceitos, Hallig e Wartburg (1963, p. 96) apresentam a divisão tripartite que acreditam servir a qualquer sistema linguístico, uma vez que aponta conceitos que se reconhecem universalmente em todas as línguas. Caberá, a cada estudo particular, reconhecer neste SRC o que servirá à análise que propõe realizar.

Essa divisão em três partes não supõe uma visão isolada dos conceitos; antes, sustenta-se na inter-relação entre elas de modo que uma derive da outra e que todas sustentem uma maneira de conceber o mundo e de representá-la linguisticamente.

A primeira divisão conceitual, *O Universo*, demonstra que os autores partem do universal para as especificidades de representação dos signos na língua. Subdividem-na em quatro capítulos, a saber: I - *O*

céu e a atmosfera; II - *A terra*; III - *As plantas* e IV - *Os animais*, na perspectiva de que o Universo independe do homem para existir.

Na segunda parte do sistema, *O Homem*, concede-se “ao homem consciência de si mesmo, com todas as suas disposições, seus pensamentos, seus sentimentos, sua vontade, seu trabalho e seu poder criador”⁶ (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 89). Esta parte também se subdivide em quatro capítulos, a saber: I - *O homem, ser físico*; II - *A alma e o intelecto*; III - *O homem, ser social* e IV - *A organização social*. Aqui, encontram-se os objetos da cultura material, isto é, aqueles criados pelo homem e que se relacionam diretamente com ele.

Especialmente o capítulo III interessa para as considerações neste texto por trazer os fatos sociais classificados de modo geral, isto é, todas as relações ordinárias que decorrem do fato de o homem viver dentro de uma dada comunidade, como a língua, as relações de trabalho, as atividades práticas, atividades artesanais, as ferramentas que antecedem à indústria moderna.

A terceira parte, *O homem e o universo*, é reservada à apresentação dos conceitos que estabelecem o homem em sua relação com o universo. Subdividida em dois capítulos, trata em I - *A priori* de como os objetos e a sua conexão se relacionam com o homem como ser inteligente e, o segundo, *A ciência e a técnica*, é reservado aos conceitos concernentes à ciência e à técnica e à ciência e indústria que se fazem sobre a técnica de outras ciências, como a farmacêutica.

O que se nota nos conceitos apresentados no sistema de Hallig e Wartburg é que cada parte que sucede à outra ou cada subdivisão demonstra, conforme as relações em um sistema, como os conceitos que foram apresentados em partes se interdependem e são apresentados enquanto conhecimento gradativamente, segundo o contato das pessoas com o mundo. Assim, depreende-se que o universo antecede a toda e qualquer forma de relação humana, o homem como ser físico e social se caracteriza isoladamente para, depois, serem dadas as suas relações com o universo. Para o estudo do léxico de uma língua, então, evidencia-se que primeiramente deve-se entender como ela recorta o mundo físico; depois, como ela significa o homem e, por fim, como conceitua as relações do homem com o mundo.

Insiste-se em que essa análise, então, não obedecerá a uma ordem alfabética nem cuidará em dar o significado de cada palavra. Segundo

o sistema de conceitos que embasará esse estudo, importa mais saber que signos lexicais conduzem a compreensão a um conceito apreendido racionalmente na organização sob a qual se apresenta o vernáculo em questão, realizado nas narrativas selecionadas.

As escolhas lexicais obedecem a paradigmas limitados e delimitáveis no conjunto lexical da língua. Realizam-se em função do saber que se tem das possibilidades significativas e das intenções comunicativas nas interações verbais. No entanto, no vasto mosaico de limites imprecisos que é o léxico, as escolhas feitas buscam nos paradigmas as unidades que convêm no ato discursivo. Arranjadas por identidades e oposições, as unidades léxicas constituem o que Coseriu⁷ denomina campos lexicais de uma língua, a sua estrutura paradigmática primeira.

No encaço das considerações do autor, empreender o estudo dos campos lexicais requer, então, buscar como as relações internas de um domínio lexical qualquer se determinam por suas identidades e diferenças, quer dizer, pelas suas oposições semânticas. Procedese, assim, ao levantamento dos signos da língua que se pretende estudar, identificam-nos pelas oposições formais, as quais se instauram até onde a realidade extralinguística⁸ determina.

As “zonas de significação” estabelecem os diferentes campos lexicais. O inventário que se pode visualizar desse levantamento são os múltiplos campos lexicais e, mais ainda, os múltiplos lexemas da língua em estudo. Entrelaçados nos delineamentos de significação e, ao mesmo tempo, garantindo a sua identidade léxica, os signos se arranjam nos campos léxicos e, por estar neles, têm sentido. Assim, toda lexia faz parte de uma “zona de significação” contínua, não podendo estar isolada na língua para significar algo. O uso efetivo na intercomunicação conferirá às lexias a possibilidade de se enfeixarem em uma ou múltiplas “zonas” significativas ou campos léxicos. É assim que o léxico, um subsistema aberto que assegura (e se caracteriza por) o sistema formal maior – a língua – constitui-se de estruturas lexemáticas, variadas semanticamente e relacionadas por traços opositivos mínimos de conteúdo léxico, os campos lexicais, Coseriu (1977, p. 135).

Esse estudo toma como indissociáveis as práticas de culturas das práticas de linguagem, na configuração lexicultural dos sujeitos-narradores. Os homens e as mulheres, embrenhados e irmanados na e pela vida na roça que sempre tiveram, estão entrelaçados na trama de significados que os identifica e que se identificam a partir deles. É na conjuntura sociocultural de que fazem parte e que ajudam a (re) construir que suas pertenças se afirmam. É por trabalharem usando tais ferramentas e instrumentos que são quem são; por isso, os expedientes lexicais de que se utilizam servem para nomear mais que este ou aquele instrumento; servem, antes, para fazer os narradores pertencerem a um grupo de pessoas, situadas histórica e linguisticamente, e os inscrevem, assim, na trama de significados que é a cultura.

Pelo seu acervo lexical também constroem os significados sociais de ser quem são. Os narradores se fizeram exímios, no ato de narrar sua vida em trabalho, na pintura do painel sócio-histórico que os comportava no século passado. Nada há, nas lexias enunciadas, que conduza a equívocos ou à não clareza dos contextos narrados. O retrato, pintado artesanalmente nas histórias longa e emocionadamente contadas, serve para o estudo lexical e cultural sobre o tema em questão e servirá como memórias de décadas dos arranjos sociais no interior do Brasil, em que sobreviver às necessidades diárias concedeu aos narradores a esta pertença cultural e linguística tratada aqui.

Feitas estas ligeiras considerações, toma-se aqui apenas um campo lexical dentro do sistema racional de conceitos, relativamente ao *Homem*, entendido como ser social que pratica relações de trabalho e nelas usa ferramentas e instrumentos de trabalho, exemplificado com excertos narrativos que, por si, explicam os sentidos trazidos pelas lexias apresentadas. Seguem, pois, considerações acerca de *instrumentos e ferramentas de trabalho*, que têm como campos imediatamente maiores, *trabalho, homem como ser social e homem*.

A escolha por tratar de apenas um dos microcampos lexicais deve-se ao fato de os conceitos serem muito vastos e os signos e os fragmentos narrativos que os representam também. Sabe-se que a pesquisa com léxico fundamenta-se na lida com material exaustivo; neste estudo, porém, dado a natureza do texto que ora se faz público, serão

apresentados apenas alguns dos muitos signos publicados no *corpus* de que se inventariaram as lexias sobre *instrumentos e ferramentas de trabalho* e que, no sistema de conceitos, se relacionam com todas as outras, uma vez que nomeiam ações que são parte da vida do homem em sociedade. Ainda que se reconheça o chamado fundo léxico comum de uma língua, são os conceitos fluidos (HALLIG e WARTBURG, 1963) que dizem respeito mais diretamente à cultura e à memória de um grupo ou de um povo.

Defende-se, no estudo em tela, que os signos em análise apontem traços característicos de uma cultura roceira. Também esse campo léxico remete-se a uma constatação que se apresentou continuamente: instigados a falar sobre sua vida ou suas histórias, os narradores sempre começaram contando sobre o trabalho ou se mostraram mais à vontade quando desfiaram histórias sobre profissões, ferramentas e práticas de trabalho. Em outras palavras, para narrarem quem são, os sujeitos da pesquisa se situaram como sujeitos de memórias através e a partir de como, quando, com quem, onde e com que ferramentas de trabalho se constituíram nas tramas sociais.

Acredita-se que o trabalho e suas ferramentas fornecem o perfil dos narradores, porque são o elo entre religião, doenças e saúde, relações sociais diversas etc. Segundo os ensinamentos de Hallig e Wartburg (1963), o trabalho, como prática social do homem, é o centro do Sistema Racional de Conceitos, de modo que o Homem, como ser social, não poderia ser visto fora dele.

5 ALGUNS SIGNOS DO LÉXICO DOS *INSTRUMENTOS E DAS FERRAMENTAS DE TRABALHO* EM FRAGMENTOS NARRATIVOS

Os signos encontrados nas narrativas e que constituem esse campo lexical são *enxada, foice, machado, cutelo, pilongue, pilão, mão de pilão, carro-de-boi, plantadeira, carpideira, arado, caminhão, trator, balaio, jacá, banca de bater arroz, pano, peneira, roda, engenho, forma para rapadura, gamelão, fermento, monjolo, roda, caneleiro, arco, cardas, descarçador, dobadeira ou dobadoura, tear (tempereiro, lançadeira, trava, canelinha, urdideira, liço, varão)*. Estes se apresentam inseridos em trechos narrativos.

Cada signo remete a práticas de trabalho de homens e mulheres roceiros, sujeitos desse estudo. Trazidos à memória em suas narrativas conduzem a um modo de vida em que os avanços da indústria (como ferramentas para agilizar o trabalho) não haviam chegado a eles, embrenhados em suas roças e com mínimas condições para adquiri-las.

A organização social e geográfica do trabalho, nas épocas contadas, torna tais instrumentos e ferramentas essenciais à sobrevivência. Seria impossível aos narradores sobreviverem se não houvesse *enxadas*: com elas, plantava-se e capinava-se a roça, ou seja, plantava-se o alimento de todos os dias. Vejam-se, em destaque, no fragmento que segue, alguns signos que, na explicação do narrador, justificam a importância da enxada no plantio e bom crescimento da roça. Elencam-se algumas desvantagens das máquinas atuais, pois as covas ficam mais juntas e a planta desenvolve menos. O que se nota é que, com o plantio manual, o roceiro tem o controle da distância das covas e, por conseguinte, saberá que a planta viçará mais, sabedoria que a técnica das plantadeiras e colhedoras ignora:

No temp' que prantava de **inxada** era de quinz[e] pra baxo. Era bem prantado. Tan[to] qu' às veiz, cê **prantava** vinte lit[ro] de **arroiz**, **cova[do] de inxada**, dava quarenta, cinquenta saco. E se eu prantá de **prantadera**, cai mais, fica mais mal prantado. Tinha is[so], né? [...] É pior. Ele fica muito juntim, ele fica, ele num cresce quase. Fica fino. E ele se ele ficá poco na cova, el[e] cresce, el[e] viça, o cacho vem grande... Até o caroço é maior, né? [...] O **milh'** é cinco, seis, na cova d'**inxada**. Hoje, vem essa, negóc[i]o de **prantá** cum **prantadera de tratore**, e parece qu' é uns sete caroço por metro. Eu num tem muito certeza. Milh' é mais, mais largo. A rua é um metro, uma cova da ota, quando é **covado de inxada** é uma base de mei metr' uma cova da otra às veiz. (PAULA, 2007, p. 357)⁹

Com o *machado* e a *foice* faziam-se os roçados, descoivavam-se matos, batiam-se pastos para o gado, cortava-se a lenha, como se vê no excerto narrativo abaixo:

Uai, naquele tempo que tinha mato, ocê pegava o mato, sempre é na meia, que sempe tabaiô na meia, pá **roçá**. Cê **roçava** de **foice**,

ô fibra, aque[la]s maderá mais fina, ficava aquela parte grossa, [a] que[la]s arvinha. Aí cê ia de **macha[do]** derrubava. Cortava tudo, gen[te] num podia dexá árve em pé, né, e ali dexava, às veiz, dois mêis, secano. **Roçava** semp[r]e mêis de junho, quando muito julho pa quemá lá pa setembro. Às veiz, até outubro, que num estivesse de chuva, né? Aí que fazia a queima. Às veiz, tinha roça[do] que quemava tudo, às veiz tinha o[ut]ro[s] que quemava mal. Às veize, num prestava. Dava serviço demais, cê tirava aquil' tudo do **machado**, que nói falava **coivara**. Tirá as **coivara** do quemado, da roça. Muntuá tudo, pô fogo, quemá pa limpá. Às veiz ficava, é, ficava muita coisa por quemá. Ocê tinha que cortá, de **foice**, **machado**, muntuá, fazê os monte, quemá de novo.¹⁰ (PAULA, 2007, p. 364)

O *cutelo* era usado para cortar o arroz, que depois era batido nas *bancas*, sobre os *panos* ou o chão limpo e joeirado com *peneiras* ao vento para ser armazenado. O *pilão* e a *mão de pilão* eram os instrumentos para pilar o arroz, o café e o milho preparado para fubá ou farinhas, descascando-os. Os *jacás* eram usados para medir a colheita do milho, da mandioca, para carregar pequenas porções de coisas e objetos nas roças, o que também se fazia com *balaios*, uma espécie de jacá menor. Com o *pilungue*, ferramenta feita com um pedaço de pau, ao qual se amarra outro menor e mais pesado ou um pedaço de ferro, batia-se o feijão bem seco, colhido geralmente em roças de milho, já secas.

O excerto narrativo abaixo demonstra que a prática de *carpidar* e *desquilinar* o milho facilita a sua limpeza; apresenta, ainda, como se colhe manualmente o feijão.

É ho[ra] que el[e] tivé mais ó men', [de]pois dum, uns dois mêis que el[e] tá grande já, aí passa a **capidera**. Ajuda puque fi[ca], é, limpa, né? Limpa o mio aí o mi... aí o mii fica bunito se que se num limpá el[e], el[e] vai marelan' ali no mei' do sujo, né? Aí passa a **capidera** e daí tin...[a]que[le]s, capina com a inxada nas cova ali on[de] fica [a]quel[e] sujo ali. É pranta o feijão. [...] Ho[ra] que o feijão madura gen' ranca ranca o feijão vai fazen' aque[le]s monte, ho[ra] que secá bate, ranja um **panão**, istende e põe o feijão [a]li e bate. Baten' cu]a vara, né? É. Era vara daí passô batê, falá que chamav' **pilungue**.¹¹ (PAULA, 2007, p. 324)

Com o *arado*, arava-se a terra; a *plantadeira matraca* era usada para agilizar o plantio; a *carpideira* ajudava na limpa de milho, *desquilinando-o* e facilitando a capina. O *caminhão* e o *trator* aparecem apenas como a memória da curta vida profissional na cidade ou em “roças de mais ricos”. O signo *plantadeira* se especifica em *plantadeira de dois canos* e *plantadeira perna de grilo*. Esta recebe tal denominação em comparação a uma perna de grilo e por ser mais fina, uma vez que tem um cano apenas e era usada para o plantio em terras de cultura, as quais não demandavam fertilizantes.

No preparo da cana para fazer açúcar ou cachaça, os instrumentos que sobressaem são *engenho*, *forma para rapadura*, *gamelão*, *fermento*, *monjolo*, além do *carro-de-boi*. Este último instrumento de trabalho permitia que se levasse a cana cortada ao engenho e a lenha às fornalhas para fazer aguardente; também servia para desfazer-se do bagaço, transportar quantidades maiores de provisões e objetos, em distâncias maiores. Veja-se:

[Carro-de-boi] carrega faxa de por exemp[lo], um **carro de mii**, que dá na base de quinze saco de sessenta quilo... vai dá quantos quilo? [...] É. Carreg’ até mil duzentos quilo que ô... um **carro** de mii... já é caiga, mas, não é caiga pesada demais pum car’ não.¹² (PAULA, 2007, p. 345)

Como se percebe no fragmento abaixo, o *engenho* era imprescindível à vida nas roças: dele, retiravam-se açúcar, aguardente, melaço e trato para animais. Por tal razão, certamente, o *engenho*, o *alambique*, o *monjolo* e o *carro-de-boi*, nas práticas de trabalho encerradas no campo de que se está tratando, se aproximam, espacialmente e sistematicamente. Eles se interdependem e ficam sempre próximos uns aos outros, pois os produtos feitos em um são a matéria para o que se produzirá no outro, reforçando o que vem a ser o sistema de conceitos.

O carrero ia, buscava ota viagem punha no **ingem** pa manhã cedo. Ali cê cabava caquela cana. No ô t’ dia a cana já tava no lugá. Cê pegava de madrugada né, pá sobrá tempo de i[r] lá na roça buscá ota viagem ou duas viagem. Dependem’ do **ingem**, né? Do tanto que consumia... Sempre era o mesm’ carrero. Ele carriava a cana e

mei que, vam' supô, muía, ficava trêis, quat[ro] no **ingem** pa apurá aquele melado, fazê o açúcar, o **rapadura**, que o açúca é mais demorado. Fazia mais é **rapadura**. E o carrero cabava de muê, ele pegava os boi, o carro e ia buscá mais, né? Picisava mais cana pa pô lá no **ingem** pa num faltá. Pa no oto dia cedo cumeçá de novo.¹³ (PAULA, 2007, p. 339-340)

Na prática que circunscreve instrumentos e ferramentas na moagem de cana encontram-se lexias como *gamelão*, *forma para rapadura*, *fermento* e *monjolo*, que podem ser observados nestas transcrições:

Cê ti[nha] que batê direto cum a... pra num derramá. E clariá, tirá aquel'iscuma que era a impureza da cana né, pa num ficá mui[to] preto. [Se não bater] Fica feia, fica preta, né, dipois do **melado**... Dav' muito gost'. Depois qu'o melado dá ponto, ia co'ele p'um **gamelão**... pa batê, pa virá a massa pa... **informá a rapadura**. (PAULA, 2007, p. 340)

A **foirma** dum tip[o] dum cocho de mad...de taba e por bax'uma abertura piquena. Ali punha el[e], el[e] no **melado** gros[so]. Vinha, punha barro por cima, um barro branco. [Pegava] Nas bêra de... barranco de corgo, né, punha, ele i[r] istilan', o melad'ia descen' e fican' só o **açúca** den[tro] da... daquel[a] **foirma**. (PAULA, 2007, p. 341)

Agora, muitas veiz num tinh'o 'lambique pra fazê a **ping[a]**. Pirdia [a]quel[e] melado que iscurria **d'açúca**. Aquel[e] perdia, né. [...] [Pinga] também. Trabaiei sim. É. Ai. É, ai ia co'el[a] pa... pô el[a] pa **fermentá**, né, que lev'uma tantas hora. E[le]s cunhece. Tinh'um negocim de me... de midi[r]... a **fermentação** lá, se tives[se] bão ia p[ara]o **lambique**...fe[r]vê. (PAULA, 2007, p. 341)

O signo *monjolo* refere-se a práticas diversas nas roças: é mais rápido que o *pilão* no preparo de alimentos com casca e não carece da presença e do esforço físico humano, pois trabalha com a força da água, que desce pelo *rego-d'água* e faz socar alternadamente a *mão de pilão*, descascando o arroz, o milho e o café, como se percebe a seguir:

Arroiz er' lim[po] no, nós morav' na bêra, morav' na bêra de coigo [as]sim, tinh' o, puxava o rego d'água lá ti[nhá] munj...**munjol**,

sabe que que é munjol, né? Um t[r]em... A água despejava na face da gamela, né, o munjol levantava, batia encima do do arroiz, ali ia até limpá. Limpava o arroiz ali, num tinh'e[ra] negó[cio]... num tinha máqui[na] de limpá arroiz.¹⁴ (PAULA, 2007, p. 327)

O milho descascado no *monjolo* pode servir de fermento no fabrico da cachaça. O melado, no ponto de fazer *açúcar* ou *rapadura*, vai ao *gamelão* e, batido, segue para as *formas de rapadura* ou para as de *açúcar de forma*.

Entre os *instrumentos e as ferramentas de trabalho* destinados quase exclusivamente às mulheres, sobressaem lexias como *roda, caneleiro, arco, cardas, descaroçador, dobadeira ou dobadura, tear, (tempereiro, lançadeira, trava, canelinha, urdideira, liço, varão)*. Esses signos dizem respeito à prática da tecelagem artesanal, imprescindível à vida de homens e mulheres na região até aproximadamente a década de 1960 do século passado. Acredita-se que, embora em grande parte do interior do Brasil essa fosse também uma necessidade para garantir o vestuário e o agasalhar das famílias nas roças e cidades, na região estudada e mais peculiarmente aos narradores-sujeitos do presente estudo, nas roças, onde o meio de transporte era o carro-de-boi, carroças ou cavalos e onde faltavam condições para a compra de remédios e alimentos, as famílias que possuíam teares e mulheres tecedeiras garantiam as peças do vestuário e do agasalho em invernos rigorosos.

As boas tecedeiras viviam basicamente tecendo para a família e para a troca de “cortes” de roupa ou “cobertas” por outro bem de que necessitasse a família. O tear, suas peças, rodas, cardas e outros hoje, em grande parte das famílias, são apenas a lembrança de “eras difíceis” de muito frio e pouco “recurso”. Nos *tempos de primeiro*, famílias que não possuísem tear e mulheres tecedeiras precisavam exceder em colheitas para a troca por peças de vestuário e cama. Assim, os signos inventariados e analisados no campo lexical se inscrevem não apenas em *instrumentos e ferramentas de trabalho*; estão também inscritos em *vestuário*, indiretamente.

O *tear* artesanal exige força nas pernas e nos braços das tecedeiras, além de agilidade a cada movimento, para que se lance a *lançadeira* e não se misturem os fios. O *tempereiro* garante que a peça fiada e esticada no tear não repuxe pelos lados, dando uma aparência

desigual, isto é, ele “tempera” o tecido e as ações sobre ele. Confira-se o fragmento:

O **tial** é [as]sim, pega o, tem um **liço**, né, põe o liço... É o liço, o liço é de, é de cordão. Faiz de cordão, de linha. Aí passa tu[do] no liço, passa num pente de pau, o **pente** é des[se] tamãe, passa no no pau. Mei' met[r]o. É mei' met[r]o de pente, e é... no pen... é um pente mem'. Parece com o pente. É por is[so] que chama pente, el[e] é assim, agora [a]qui pro dent' é tudo chei' de ta... de taboquinha 'té terminá, chama pente. É, tem pente grosso, tem pente fino, o pano fino é pente fino, né, e aí **alija**¹⁵ vai tecen' ali e joga a **lançadera** pra lá pra cá e... Põe [a linha] assim pa... passa no no liço depois passa no pente depoi' marra. É, em cada dentim do pente, agora [a]qui (*gestos*) pega e e faiz a, marra [a]qui pa podé cumeçá **tecê**.¹⁶ (PAULA, 2007, p. 286)

O algodão, elemento essencial e primeiro na tecelagem, é plantado nos roçados ou quintais, colhido e selecionado de possíveis ciscos. Depois, vai ao *descaroçador*, uma espécie de banco em que se sentam duas pessoas e que tem ao centro a engenhoca que faz os caroços separarem-se do algodão. Veja-se a descrição abaixo:

Essa fi... histó[r]ia de fiá é [as]sim, ixa... a gent' **ixaroça**¹⁷ o algudã... ca...ixaroça o '**gudão**, **carda**...Iscaroçá no **isca[ro]çadô**, né? Ah! O **iscaçadô** é um trei)m de pau, né, isca... assim um **isca[ro]çadozim**, aí a gent' vai tocan' el[e], tocan', vai passan' o **algudão**. Vai passano, passan', aí depoi' gente pega **carda**, aí é **cardá**, né? Depoi' vai se... vai ajuntan' el[e], vai juntan' el[e]. Uai, é puque passa el[e] p[ra]el[e] sai o caroço, né? É. Tem que sai o a semente, né? Chama semente. Aí passa el[e] no iscaçadô, o algudão vai passan', a semente vai fican' pa tráis, a sementinha preta. Aí depois que a gent' iscaroça, aí pega, aí vai cardá, e nu)as **carda**, duas **cardinha de dentim**, aí a gent ca[rda], depoi' vai **fiá na roda**. Aí **fi**. (PAULA, 2007, p. 286)

Descaroçado, se ainda apresentar ciscos, o algodão deverá ser batido no *arco* para que fique limpo de impurezas que, principalmente, fazem o fio puxado na roda arrebentar-se, conforme descrito no próximo excerto. Ainda assim, porém, o algodão deve ser cardado novamente em *par de cardas*, ferramenta de finíssimos dentes e que, ao movimento

preciso da cardadeira, deixa o algodão leve, como se nota no fragmento acima.

Bate, se quisé. É puque fica bem arrumadim pa quan' passá nas **carda** num tem cisco, num tem nada, tá muito ogarnizado, mui... Não, caroço num tem mair não, bate se quisé, né? É **aico**. Aico, fa... intorta um **aiquim**, um pauzim. E põe um **cordão**, aí vai baten' aí... Ah! Bate assim: tuc tuc tuc (*risos*). É vai baten'. É. Sigura el[e] assim, vai baten' [as]sim ó, é igual essa alcinha sua é o cordão [a] qui ó. Aí sigura o **aico** na mão e o cordão no ot', vai baten': tuc tuc tuc tuc. É. E vai tiran' o **agudão do aico**. Aqui tá firman' aqui c'a mã...mão isquerda, e aqui vai tiran' o **agudão do aico**. Fazen' a, moviment'. Aí dá aquel[e] monte de **algudão batido**. Não, aí tem que passá nas **carda**, né? De novo, tem que cardá todim. Pricisa, tem que passá pa linha ficá bunita, né? É, el[le] fica sistema dum bodoque, né? (PAULA, 2007, p. 285)

As muitas meadas de algodão cardado são armazenadas no *balaio*. Depois, a fiadeira (ou fiandeira) as puxa na *roda*, movida pela força do pé, e estende os fios até onde alcançam os braços. Os fios mais finos servem para peças de roupa, como cortes de calças, camisas e vestidos. Os médios destinam-se aos lençóis e os mais grossos à confecção de cobertas. Na narrativa abaixo, o *jacazinho* a que se refere a narradora é comumente conhecido por *balaio* e serve para carregar objetos menores e/ou mais leves na lida na roça.

Uai, passa u)a **carda** na ota, né? u))a carda na ot[a]. O algodão põe no chi...é, aí tira el[e] da carda põe no **jacá**. No mei' das **carda**, depoi' vai faz... a... fazem' com ela assim ó (*gestos*) depois e[le] sai aquela prasta cumpridinha, duas. Sai duas prasta. Fofinha mem'. Aí a gen' vai pon' no **jacá** depoi[is] gen' pega e e vai **fiá**. Ah! Um **jacazim** assim mais ó men' de mei' met[r]o. É de mei' met[ro]. [Coloca] Nes[se] **jacazim**. É. Um pro cima do ot', vai pon' po cima do ot', po cima do ot'. Num mistura não. Não mistura. Hora c'a gente vai fiá a prasta tá separadim igual um dedo. (PAULA, 2007, p. 285)

O algodão fiado que se armazena na roda é distribuído em meadas, estendidas na *dobadeira*, para que não se misturem os fios. Algumas tecedeiras que preferem tingir suas peças levam as meadas

fiadas a vasilhames com tintas de anil, urucum e outras plantas. Depois, o algodão está pronto para ir ao *tear*, onde seus fios se transformam em cobertas, lençóis, cortes de roupas variadas. A seguir, esmiuça-se a prática de dobrar ou de fazer as miadas de linha, quer dizer, novelar a linha.

Dob[r]á? É puque cha... é **lovelá**, fazê o **lovelo**. Tem que pará a **roda**, aí pára a roda pa **lovelá** a linha. Aí depois, se quisé fazê es[se] pano de vê... azul ô vermêi tem que **miada**,¹⁸ no **miado**,¹⁹ no **miadô** que faiz assim ó. [O meadouro] É redondo. Faiz um pezim nele e põe uma varetinha e põe um u)a o **rodero**, e põe uns braço cruzado assim ó, e enche tu[do] de tornim. Tornim é, põe o tornim assim pa mode **rodá a linha**. É mo[de] da linha fazê a miada. Fair aque[la] **miada** mair bunito. É **miada** [as]sim de linha, né? É aquel[e] miadão ... assim não (*gestos*), é [as]sim, ó. É, quand'eu num tinh' o miadô e[u] fazia é no braço assim, tirava ela da roda no braço, mais aí eu mandei fazê o **miadô**. É, **miado**. (PAULA, 2007, p. 286)

Os signos aqui tratados não representam todos os instrumentos e todas as ferramentas de trabalho comuns aos homens e mulheres nas suas lidas diárias pela sobrevivência. São apenas um esboço do que julgamos conceitos fluidos à sua prática de cultura. São elementos que não lhes escaparam da memória nas suas narrativas porque são mais do que peças de plantar, colher, moer, tecer, fiar ou armazenar. Expressam como os *tempos de primeiro* comportavam-se social e economicamente e, aliados a práticas de trabalho, delineiam relações sociais da época e das pessoas em questão. Tais instrumentos apontam para relações sociais de trabalho não menos conservadas e que, hoje, soam inclusive como opressoras.

Por fazerem parte de um sistema de sobrevivência, os instrumentos e as ferramentas só apresentam tal configuração social porque havia práticas de cultivo e preparo dos alimentos e das vestimentas que os demandavam, ainda que, no Brasil, na mesma época e em outros locais, as relações econômicas e sociais já tivessem estabelecido outras configurações dos instrumentos destinados ao trabalho.

Por mesmo motivo, vestir-se nestas épocas narradas, só era possível a esses homens e mulheres artesanalmente. Embrenhados em suas roças por meses a fio, sem condições para se dirigirem à cidade e

nela comprarem tecidos, cabia-lhes plantar o algodão para as tecedeiras que preparavam o agasalho e as vestimentas da família. Vestir-se com roupas grossas, em tecido cru, cobrir-se com cobertas de algodão pesadas ou agasalhar recém-nascidos em tecidos de fios mais finos não era escolha: era-lhes a única forma de sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se a quantidade muito superior à *ciência e à técnica* dos conceitos relativos a *ferramentas e instrumentos de trabalho*, o que demonstra que, isolados das conquistas das ciências e das técnicas modernas, homens e mulheres, há quase um século, na região estudada e com o perfil apresentado, sobreviviam com as *ferramentas e os instrumentos de trabalho* apresentados. Não se defende, porém, que essa seja uma particularidade da região²⁰ e dos sujeitos estudados, mas que os conceitos, expressam demandas para a sua sobrevivência.

Reafirma-se que o campo lexical em questão, conforme ensina Coseriu (1977), caracteriza-se por agrupar lexias cujos referentes se aproximam e se inter-relacionam no sistema léxico do vernáculo estudado para constituir o sistema maior de significação e comunicação, a língua portuguesa usada por esses roceiros diariamente. Quer dizer, embora agrupados em campos lexicais, lexias e conceitos constituem, sobretudo, um sistema e uma forma racional de conceber o mundo.

LEXICAL INVENTORY AND ANALYSIS ABOUT WORK IN THE GOIÁS' VERNACULAR

ABSTRACT

The aim of this study is to present an inventory and an analysis of a lexicon related to work practices of Twentieth Century rural men and women using the Goiás vernacular. The theoretical models used for this study are Hallig and Wartburg's (1963) *Begriffssystem* and lexical fields of Coseriu (1977), applied to an oral *corpus* from the perspective of the uncontested relationship of lexicon and culture.

KEY WORDS: Lexicon, work, culture, Goiás.

NOTAS

- 1 Estudo ampliado da versão apresentada em comunicação oral no III Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão do *Campus* de Catalão, em 2007, sob o título *Léxico do trabalho no vernáculo goiano: um esboço sobre instrumentos e ferramentas*, publicado nos seus Anais Eletrônicos.
- 2 Reconhece-se haver normas para transcrição e edição de textos orais da norma culta do português usado no Brasil; no entanto, para a variedade popular não se estabeleceu, ainda, a contento, um conjunto de procedimentos que uniformizem a prática dos pesquisadores.
- 3 Segunda parte da obra *Teoria Linguística* (2001) em que a autora apresenta questões fundamentais à Lexicologia.
- 4 Aqui, vernáculo é tomado como uso de uma variedade regional ou dialeto, em situações enunciativas de não monitoramento. No estudo em tela, o uso vernacular permitiu inventariar e analisar os instrumentos de trabalho como ocorrentes no sudeste goiano e enunciados em situações de desprendimento narrativo.
- 5 Confira-se a passagem na língua original: “le ‘monde’ (au sens le plus large) n’est pas un chaos, mais quelque chose d’ordonné, et que ‘homme peut – il est vrai – réaliser cet ordre’” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 32).
- 6 Cf. a passagem original: “à l’homme conscient de lui-même, avec toutes ses dispositions, ses pensées, ses sentiments, sa volonté, son travail et son pouvoir créateur” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 89).
- 7 Vejam as palavras do autor sobre campos léxicos: “El *campo léxico* es una estructura paradigmática primaria del léxico; más aún: es, en este dominio, la estructura paradigmática por excelencia. Puede definirse como paradigma constituido por unidades léxicas de contenido (‘lexemas’) que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran en oposición inmediata unas con otras” (COSERIU, 1977, p. 210).
- 8 Coseriu denomina a realidade extralinguística que, juntamente com as oposições formais, orienta o estudioso na identificação dos campos lexicais do *ponto de vista óntico* (COSERIU, 1977, p. 216).
- 9 Ver em Paula (2007) a chave de indicação dos narradores, a narrativa e o fragmento referente, indicados no parêntese, ao final de cada excerto.
- 10 O narrador deste fragmento e do anterior contava com sessenta e seis anos à época da gravação, feita em 2003, no seu domicílio rural, no município de Catalão-GO.

- 11 Narrador nascido em 1924; gravação feita em 2003, em sua residência, no povoado de Pires Belo.
- 12 Idem nota 10.
- 13 Idem nota 10.
- 14 Idem nota 11.
- 15 Provavelmente variação de *aliça*, passar no *liço*.
- 16 Este e os excertos restantes foram narrados por uma mulher, nascida em 1938, na zona rural de Catalão-GO; gravação feita em 2003, em seu domicílio, no povoado de Pires Belo.
- 17 *Ixaroça* é variação de *descaroça*.
- 18 Variação de *meada*.
- 19 Variação do provável signo *meadouro*, peça artesanal que se destina a fazer as meadas de linha fiada. Também conhecido como *dobadeira*.
- 20 A pesquisa centrou-se no vernáculo catalano, mas os locais de nascimento dos narradores ultrapassam os atuais limites do município, uma vez que muitos distritos dele se emanciparam nesse decorrer, razão por que se afirmou que o estudo refere-se ao sudeste goiano, com especial atenção ao município de Catalão, por este nuclear as outras cidades adjacentes, econômica e historicamente.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1977.
- HALLIG, R.; WARTBURG, W. von. *Begriffssystem als grundlage für die Lexikographie; Versuch eines Ordnungsschemas*. 2. Neu bearbeitete und erweiterte Auflage./Système Rainsonné des Concepts pour Servir de Base à la Lexicographie. Essai d'un schéma de classement. 2ème. Édition recomposée et augmentée. Berlin: Akademie Verlag, 1963.
- PAULA, M. H. de. *Rastros de velhos falares – léxico e cultura no vernáculo catalano*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.